



O SER HUMANO E SEU PSIQUISMO SOB A PERSPECTIVA ECONÔMICA DA

METAPSICOLOGIA FREUDIANA

THE HUMAN BEING AND THEIR PSYCHE FROM THE ECONOMIC PERSPECTIVE OF FREUDIAN

METAPSYCHOLOGY

EL SER HUMANO Y SU PSIQUE DESDE LA PERSPECTIVA ECONÓMICA DE LA

METAPSICOLÓGIA FREUDIANA

Luciane Guimarães Costa¹

Marcelo Juan Grigoravicius²

Resumo: Motivado por questionamentos advindos da multiplicidade de autores e de escolas que teorizam sobre psicologia, este artigo apresenta uma interpretação de alguns aspectos do ser humano e de seu psiquismo tais como os concebeu Sigmund Freud (1856-1939), abordando alguns dos pressupostos fundamentais do funcionamento anímico, com ênfase na dimensão econômica da sua metapsicologia. A partir de uma investigação bibliográfica qualitativa no interior da obra freudiana, examina-se seus conceitos sobre a constituição do psiquismo, do campo representacional, a dualidade pulsional, o princípio do prazer, a economia psíquica e suas quantidades, os processos primário e secundário, o funcionamento inconsciente e o mecanismo de defesa repressivo. Conclui-se que compreender o ser humano freudiano implica em reconhecer um indivíduo desejante e dividido, constantemente atravessado por conflitos entre forças inconscientes duais, que têm que ser administradas por seu aparelho psíquico de modo a não consumir energia excessiva. O psiquismo funciona portanto como um aparelho de gestão de forças antagônicas que interagem entre si resultando em toda a atividade humana. Essa gestão é feita de acordo com o princípio do prazer, ainda que haja sempre um resquício do funcionamento psíquico que é ingovernável.

Palavras-chave: Metapsicologia Freudiana; Psiquismo; Economia Psíquica; Forças; Pulsão.

Abstract: Motivated by questions arising from the multiplicity of authors and schools that theorize about psychology, this article presents an interpretation of some aspects of the human being and their psyche as conceived by Sigmund Freud (1856-1939), addressing some of the fundamental assumptions of psychic functioning, with emphasis on the economic dimension of his metapsychology. Based on a qualitative bibliographic investigation within Freud's work, his concepts regarding the constitution of the psyche, the representational field, the duality of drives, the pleasure principle, psychic economy and its quantities, primary and secondary processes, unconscious functioning, and the repressive defense mechanism are examined. It is concluded that understanding the Freudian human being implies recognizing a desiring and divided individual, constantly traversed by conflicts between dual unconscious forces, which must be managed by their psychic apparatus in order not to

¹ Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Brasil. E-mail: lucianeguimaraes@hotmail.com ORCID <https://orcid.org/0009-0001-1945-8594>

² Universidad Argentina John F Kennedy. E-mail: mrigoravicius@kennedy.edu.ar ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3551-5368>

consume excessive energy. The psyche therefore functions as a management apparatus for antagonistic forces that interact with each other, resulting in all human activity. This management is done according to the pleasure principle, even though there is always a remnant of psychic functioning that is ungovernable.

Keywords: Freudian Metapsychology, Psyche, Psychic Economy, Forces, Drive.

Resúmen: Motivado por las preguntas que surgen de la multiplicidad de autores y escuelas que teorizan sobre la psicología, este artículo presenta una interpretación de algunos aspectos del ser humano y su psique según la concepción de Sigmund Freud (1856-1939), abordando algunos de los supuestos fundamentales del funcionamiento psíquico, con énfasis en la dimensión económica de su metapsicología. A partir de una investigación bibliográfica cualitativa sobre la obra de Freud, se examinan sus conceptos sobre la constitución de la psique, el campo representacional, la dualidad pulsional, el principio del placer, la economía psíquica y sus magnitudes, los procesos primarios y secundarios, el funcionamiento inconsciente y el mecanismo de defensa represivo. Se concluye que comprender al ser humano freudiano implica reconocer a un individuo deseante y dividido, constantemente atravesado por conflictos entre fuerzas inconscientes duales, que deben ser gestionadas por su aparato psíquico para no consumir energía excesiva. La psique, por lo tanto, funciona como un mecanismo de gestión de fuerzas antagónicas que interactúan entre sí, dando lugar a toda la actividad humana. Esta gestión se realiza según el principio del placer, aunque siempre existe un remanente de funcionamiento psíquico ingobernable.

Palabras clave: Metapsicología Freudiana, Psique, Economía Psíquica, Fuerzas, Pulsión.

Antes do surgimento do pensamento de Freud, a concepção ocidental predominante de ser humano era racionalista, naturalista e religiosa, quando seus conflitos anímicos internos eram interpretados como falhas morais, e seu corpo era determinado pela hereditariedade e seu meio-ambiente, não havendo correlação entre as dimensões somática e mental.

A metapsicologia freudiana desenvolve uma noção de ser humano radicalmente distinta das noções que a precederam. Que tipo de ser humano é contemplado na sua teoria? Quais são os princípios e fatores de seu funcionamento psíquico? Para responder a essas questões, este artigo propõe um retorno ao que Freud de fato escreveu, visto que seus conceitos foram interpretados de diversas maneiras, que se modificaram para muito além de seus escritos originais. Portanto, as contribuições e interpretações da teoria freudiana feitas por pós-freudianos não serão consideradas neste trabalho.

Freud afirmou que sua metapsicologia poderia ser compreendida a partir de três perspectivas: a econômica, a tópica e a dinâmica. Este estudo busca articular seus conceitos sob o eixo teórico da economia psíquica, por ser o que melhor reflete a realidade da autora, uma fisioterapeuta clínica e hospitalar, cuja prática profissional evidencia a interdependência entre corpo e mente, e vice-versa. A perspectiva econômica do psiquismo é para Freud a que inequivocamente relaciona estas duas dimensões do ser humano.

O artigo está dividido em 4 seções, sendo a próxima *O Ser Humano Freudiano*, seguido pelos *Pressupostos Freudianos sobre o Psiquismo* (ou seja: , *As Pulsões*, *O Princípio do Prazer*, *O Mundo Representacional*, *Economia Psíquica*, *Quantidades de Energia*, *O Processo Primário e o Processo Secundário*, *O Inconsciente*, e *A Repressão*) e, finalmente, pelas *Considerações Finais* e as *Referências*.

O Ser Humano *Freudiano*

[...] *Toda pessoa normal é de fato normal somente enquanto pertence à média* (Freud, 1937, p. 3352). Freud concebia o ser humano como estando sempre em conflito entre ambiguidades e polaridades, de modo que se pode pensar que o conflito para ele é constitutivo do psiquismo. O conflito entre as forças dos desejos não realizados e as daquilo que os impede é a sua concepção mais conhecida de conflito, concepção que também pode ser entendida, em outro nível, como conflito entre os instintos primitivos e o processo civilizatório. No começo de sua obra, ele acreditava que a força primordial era o impulso sexual e sempre buscou algo que fosse suficientemente forte para se opor ao impulso sexual e justificar um conflito.

Mais tarde, a noção de conflito se ampliou e ele passou a considerar a dualidade das forças da vida e da morte. Porém a noção de conflito agora foi, de certa forma atenuada e modificada, visto que Freud combinava as duas (forças da vida e da morte), sempre as concebendo como entrelaçadas e ligadas numa relação de colaboração e cooperação, além de sua clara oposição. Contudo, a noção de conflito entre forças jamais foi abandonada.

Porém não foi somente entre a realidade interna instintiva e as pressões ambientais externas ou entre pulsões de vida e de morte que Freud localizou a dimensão conflituosa da existência. Assim como o ser humano e seu psiquismo, seus conceitos são contraditórios, ambíguos e combinam propriedades opostas. A dimensão da dualidade também pode ser observada em sua obra entre instâncias psíquicas, entre o biológico e o psíquico, entre as cargas e contra-cargas de investimento em operações psíquicas, entre outras, além das polaridades ambivalentes entre o eu e o exterior, sujeito e objeto, prazer e desprazer, atividade e passividade, bem como amor e ódio.

Para Freud, o ser humano é dividido e porta uma cisão em seu ímpeto vital. Como consequência desta cisão, pode-se concluir que, enquanto o animal se orienta por seus instintos, o ser humano freudiano é desorientado por eles. Nele, há uma sobre-determinação dos processos orgânicos por processos não naturais, resultando em uma vulnerabilidade que reforça a castração simbólica à qual o ser humano se submete para poder participar da coletividade.

“[...] o eu que não é nem mesmo dono e senhor em sua própria casa.” (Freud, 1916-7 [1917], p. 2300, grifo do original). Por que isso ocorre em humanos e não em outros animais? O ponto de partida que Freud propõe é um bebê recém-nascido como o momento da inauguração da subjetividade, quando começa a haver uma subjetivação daquilo que é da ordem do natural, natureza que é de desamparo e dependência, características da espécie humana ao nascer.

Os auxílios alheios que ajudam a criança a satisfazer suas necessidades produzem efeitos poderosos em seu psiquismo, marcando-a intensamente por meio de percepções de prazer e desprazer, além de provocar seu desejo de comunicação e simbolização.

Essa aculturação do organismo gera um efeito colateral: um funcionamento inconsciente do psiquismo no qual há uma modificação do caráter instintual, que se humaniza. A consequência disso é o desconhecimento do ser humano sobre uma grande parte de seu próprio funcionamento e, por esse motivo, se pode considerar que o inconsciente é o aspecto mais rejeitado de si mesmo. Ele se situa entre a percepção e a consciência, o que resulta na singularidade de cada indivíduo devido à sua percepção particular.

Freud afirmou que operando poderosamente no psiquismo do ser humano há forças de origem somática inconscientes, as quais trabalham insistindo sempre para se expressar e se tornar conscientes. Mas ele também observou que há outras forças inconscientes que trabalham resistindo constantemente para impedir que aquelas forças se expressem e alcancem a consciência. Há um jogo constante de forças, onde as forças tendem para sentidos contrários. Além disso, ele observou que a atividade humana apresenta e produz algo que desrespeita a vida, uma satisfação que se mostra desvinculada da utilidade vital e que parece mais humana quanto mais vinculada à inutilidade de manter a vida.

Surge então a questão: por que um ser vivo agiria de tal forma a arriscar a conservação de sua própria vida? Refletindo sobre os escritos de Freud, ousamos justificar tal evidência conjecturando que isso ocorre porque a tentativa de transcender sua condição de animal mortal mobiliza forças e provoca desejos no ser humano. Por exemplo: a arte, a especulação científica, a política, a religião, o amor, a inveja, a ambição, etc., são tipicamente humanos e motores do desenvolvimento civilizatório, ainda que correspondam a uma desnaturalização do animal humano.

Pressupostos freudianos sobre o psiquismo

Partindo da assunção do caráter inconsciente, dividido e conflituoso entre as dualidades do ser humano freudiano, avancemos para uma reflexão mais cuidadosa sobre o seu funcionamento psíquico. Baseado em profundos e ecléticos estudos e em sua sólida formação médica especializada em neurologia, Freud concebeu a psicanálise como uma ciência natural da mente desde o *Projeto de uma Psicologia para Neurologistas* (1895), tendo se desviado dessa ideia a partir de *A Interpretação dos Sonhos* (1900), retomando-a em *Além do Princípio do Prazer* (1920) e mantendo-a até o final de suas publicações. Ele considerava o psiquismo como um dos aparelhos do organismo humano vivo, formado a partir da experiência biológica e portanto, associado ao corpo, como sendo um equipamento do corpo. O efeito desse equipamento no corpo é a perda dos instintos.

As pulsões

Em vez de instintos, temos pulsões, que podem ser entendidas em Freud como as forças somáticas que impelem o ser humano para a satisfação e que encontram o campo representacional nesta busca por satisfação, embora em sua obra mais tardia, Freud pensará as pulsões também como forças sem representação. O ser humano perde seus instintos à medida que se socializa e se acultura. A tese de Freud é de que que nossa experiência corporal é fortemente afetada por ideias e que o corpo não se reduz à sua materialidade orgânica.

[...] *Os fenômenos psíquicos dependem em alto grau de influências somáticas e, por sua vez, têm os mais potentes efeitos sobre os processos corporais* (Freud, 1938 [1940], p. 3420). A partir de seus escritos, pode-se concluir que o ser humano porta um corpo orgânico que produz efeitos psíquicos, de modo que o psiquismo está inserido em um contexto biológico. Devido à sua imaturidade e dependência ao nascer, suas forças primordiais foram profundamente afetadas pelas relações com uma outra pessoa que lhe cuidou e em seu corpo foram deixadas impressões de prazer provenientes da satisfação de suas necessidades.

Para ilustrar tal afirmação, tomemos como exemplo um recém-nascido com fome. Há um desprazer causado por essa fome porque ela aumenta a tensão psíquica do bebê. Quando a fome é satisfeita pelo leite materno ou outro alimento, a tensão se descarrega, havendo assim um trâmite da carga energética que causava a fome, resultando em prazer e conforto para o bebê, que assim se acalma.

Pode acontecer que essa tensão não se resolva dessa forma se, por exemplo, o leite não vier. Nesse caso, o bebê terá outra experiência ao tentar livrar-se da tensão da fome. O *modus operandi* de descarregar a tensão (seja lá qual for, com ou sem descarga prazerosa) vai se estabelecendo no psiquismo do bebê porque as experiências de tensão e de relaxamento da tensão se repetem muitas vezes, marcando pela sua intensidade a vida psíquica do bebê.

Se parte aqui de uma perspectiva biológica, que insere as experiências de prazer e desprazer causadas primeiramente por necessidades primordiais e sua saciedade. Neste exemplo, o desprazer causado pela tensão da fome e sua busca por um alívio que resulta em uma experiência prazerosa, instaura um caminho de satisfação da necessidade. Vários caminhos são estabelecidos a cada necessidade que aparece, constituindo uma forma particular de cada indivíduo satisfazer suas necessidades e desejos. Não há nenhum momento em que essas impressões de prazer e/ou desprazer não estejam presentes nas vivências do bebê enquanto está sendo (ou não) atendido em suas necessidades.

[...] *O organismo humano é inicialmente, incapaz de realizar essa ação específica, executando-a por meio da **assistência alheia**, ao chamar a atenção de uma pessoa experiente para o estado em que encontra a criança, mediante a condução da descarga pela via de alteração interna*

*[por exemplo, mediante o choro da criança]. Essa via de descarga adquire assim a importantíssima função secundária de **compreensão [comunicação com o outro]**, e a vulnerabilidade original do ser humano converte-se assim na fonte **primordial de todas as motivações morais** (Freud, 1895 [1950], p. 229, destaques do original) .*

Assim se constitui o psiquismo humano: entre a necessidade e a experiência de satisfação obtida quando essa necessidade é satisfeita. Aqui observamos uma correlação entre o somático e o psíquico.

Quando essa experiência de buscar alívio de um desprazer e então encontrar prazer começa a se tornar mais forte e preponderante do que a própria necessidade biológica, é sinal de que a intensidade da experiência de buscar prazer (através da descarga da tensão do desprazer) está marcando os primeiros registros no psiquismo, os quais Freud chamou de traços mnemônicos ou mnêmicos. Ele afirmou que não é exatamente a ação natural de satisfazer a necessidade (a mamada, por exemplo) o que estabelece a experiência subjetiva no bebê, mas sim o desprazer da fome e o prazer da amamentação são o que a registram.

É assim que ocorre a subjetivação da experiência natural. Freud entende a experiência de prazer como o processo de eliminação da tensão resultante de estímulos endógenos e exógenos que haviam causado desprazer devido ao aumento da tensão. Portanto, o desprazer é anterior ao prazer, que é uma consequência do desprazer.

O princípio do prazer

O ser humano é constantemente atacado por estímulos. Isso é evidente no recém-nascido, para quem todos os estímulos são incômodos. Então, para se defender dos estímulos que causam tensão, ele vai ter que eliminar esta tensão sob o risco de comprometer sua saúde física e mental caso o desprazer seja excessivo para seus recursos psíquicos. É por isso que ele passa a operar psiquicamente de acordo com o Princípio do Prazer.

[...] o curso dos processos mentais é regulado automaticamente pelo princípio do prazer; isto é, acreditamos que este curso tem a sua origem numa tensão desprazerosa e então toma uma

direção tal, que o seu resultado final coincide com uma diminuição desta tensão e, portanto, com uma redução do desprazer a uma produção do prazer (Freud, 1919-1919 [1920], p. 2507).

A eliminação da tensão ocorre através de um direcionamento adequado e suficiente da energia da tensão. Ela se distribui pelos caminhos que o psiquismo encontra em sua busca por alívio, isto é, por satisfação (primeiro das necessidades, depois dos desejos), que se constituem através da experiência de descarga da energia da tensão causada pela necessidade insatisfeita. A cada prazer experimentado ocorre uma transformação irreversível, que marca o psiquismo com traços mnemônicos ao longo de seus caminhos.

Esses caminhos percorridos pela energia em busca de sua forma de descarga, formam com suas impressões uma rede de memória que chamaremos aqui de sistemas mnemônicos. A formação dos sistemas mnemônicos se dá no tempo e no modo mais primitivos de registro psíquico, envolvendo o corpo e suas necessidades. Posteriormente essa rede de memória se reconfigura a partir da linguagem, formando cadeias associativas de representações.

O mundo representacional

Assim, na constituição do psiquismo, os rastros mnemônicos dão origem à vida representacional do ser humano: primeiro se formam representações de coisas, e depois representações de palavras são inscritas no psiquismo, ambas pelos traços mnemônicos, isto é, por meio de experiências percebidas como prazer e desprazer. Portanto, para Freud, a representação é um conjunto de traços mnemônicos constituídos através da percepção. Vale lembrar que Freud sempre considerou o psiquismo como o resultado de experiências.

As representações que se inscrevem no psiquismo são formadas a partir daquilo que foi sentido pelos órgãos da percepção, ou seja, a audição, o paladar, o olfato, a visão, o tato e a cinestesia, a que Freud chamou de signo perceptivo inconsciente. São registros de experiências psíquicas de conteúdo inconsciente, fragmentos do que o indivíduo viu, ouviu, sentiu; ou seja, vivências sensoriais de prazer que causam a erogenização do corpo do humano a partir dos primeiros cuidados. Se reforça aqui a ideia de que os sistemas mnemônicos não estão, *a priori*, no

aparelho psíquico, mas que são constituídos concomitantemente com as experiências de relação com uma outra pessoa que investiu cuidados no bebê.

Para que os traços de memória se formem há de haver muitas repetições de experiências intensas de necessidade e então de prazer decorrente do alívio da tensão. Ou de desprazer porque a necessidade não foi satisfeita de modo a descarregar a tensão. Excetuando-se um ou outro acontecimento eventualmente traumático, não há aquela única experiência que deixou um traço. Estes percursos por onde a energia se distribui, que representarão algo devido à intensidade das excitações que provocam no psiquismo, inaugurados e encaminhados a partir de uma tensão desagradável até que seja prazerosa, formam exutórios, isto é, canais através dos quais a tensão terá seu processo de descarga facilitado e que, portanto, tenderão a se repetir, o mesmo não ocorrendo se a experiência for desagradável.

Com base em tudo o que foi exposto, se conclui que todas as nossas representações são significadas por sensações corporais, o que nos leva a subsumir que as experiências de prazer e desprazer estão implícitas em todas as nossas representações. Todas elas remetem a um prazer ou desprazer de intensidades variáveis, de modo que a sensação de prazer ou desprazer significa a experiência. Vale lembrar que o trabalho inicial de significação que ocorreu com o bebê foi produzido pela relação com outra pessoa que cuidou dele. No entanto, sempre haverá algo indecifrável nessa relação.

Em seu *Projeto de uma Psicologia para Neurologistas* (1895 [1950]), Freud postula duas experiências como fundamentais para o psiquismo: a experiência da satisfação e a experiência da dor. A experiência da satisfação, argumenta ele, leva à facilitação na busca do objeto desejado, enquanto que a experiência da dor leva à inibição na direção do objeto hostil. A repetição e a intensidade desses estímulos desprazerosos, bem como a intensidade do prazer da descarga nessas experiências, criam em última análise, um lastro psíquico facilitado no psiquismo, uma forma particular de cada indivíduo drenar e liberar a tensão.

Como observado anteriormente, as experiências deixam vestígios, marcas e rastros de intensidade referentes a tensões desagradáveis que se fizeram prazerosas. As marcas vão se sobrepondo a cada repetição da experiência de prazer e/ou desprazer sentida intensamente, e vão

marcando o campo biológico de tal forma que nunca mais se come simplesmente porque se necessita de alimentos, como no exemplo da alimentação. Se come o que é bonito, bem feito, se alguém querido preparou a comida, etc. A comida passa então a representar algo, deixando de ser meramente um composto nutritivo que supre necessidades fisiológicas.

Os sistemas de memória são inúmeros e não se pode quantificá-los. Ocorrem por simultaneidade no tempo e comunicam-se entre si estabelecendo um sistema de satisfação cada vez mais complexo, formado pela sobreposição das vias de encaminhamento da tensão, as quais constituem uma rede de cadeias associativas de registros representacionais. A linguagem se constitui dessa maneira, tornando esse sistema ainda mais complexo.

O psiquismo vai sendo construído dessa forma no momento em que essas experiências ocorrem. Pode-se dizer que as experiências de satisfação (prazer e desprazer) são míticas para Freud. O protótipo da experiência de satisfação é a alimentação. A criança sente fome, a mãe a alimenta; ela tem o ímpeto de encontrar a mãe novamente e, como consequência da experiência de satisfação, surge o desejo, que está na base do funcionamento mental normal. É o prazer que inaugura o psiquismo e que marca a alma.

Economia psíquica

Até aqui, vimos como o psiquismo e seu campo representacional são constituídos de acordo com a teoria freudiana. Agora, nos concentraremos nas forças sempre antagônicas e duais que movem este psiquismo, causando por meio de suas tendências, prazer ou desprazer. Esse problema será portanto, abordado sob a perspectiva de uma economia do psiquismo na administração do destino dessas quantidades de forças, considerando-se que há um cálculo inconsciente do psiquismo de evitação do desprazer e de busca pelo prazer.

Em *Projeto de uma Psicologia para Neurologistas* (1895), Freud define quantidade como a diferença de energia percebida pelo psiquismo entre o repouso e a atividade. A função primordial do psiquismo seria a de descarregar essas quantidades até um mínimo necessário suficiente para realizar as atividades orgânicas e psíquicas. A percepção somática das variações da *quantidade* de

forças em movimento no psiquismo resultaria em experiências de prazer e de desprazer nas quais o desprazer é causado por um aumento na tensão das forças psíquicas, enquanto que seu esvaziamento causaria prazer.

Foi explicado anteriormente que o psiquismo contém forças e representações. Essas forças (que brotam do corpo, nas zonas erógenas) se deslocam constantemente buscando primariamente por descarga. Nessa busca, elas podem se investir em um escopo infinito de representações (chegando a formar, por sua intensidade, complexos de cadeias de representações condensadas). Porém também é possível que essas forças não se invistam em representações (algumas jamais o fazem) e, então desvinculadas delas, fiquem vagando sem rumo, buscando por descarga, desconectadas do campo representacional.

Pode ser também que venham a investir-se intensamente em certas representações, mas que depois se desvinculem delas em operações psíquicas de desligamento, que aspirem alcançar o prazer ou evitar o desprazer, como no caso do processo repressivo. Nesses casos, as forças então desvinculadas da representação desagradável voltam a procurar por descarga, à deriva.

Em geral, ao longo de toda a vida psíquica do ser humano freudiano, estes movimentos dos montantes de força que constantemente pedem por descarga fazem ambas as coisas simultaneamente: ligam-se e desligam-se das representações, combinando-se de tal forma que resultam em toda a atividade humana.

Pode-se inferir que os modos de encaminhamento pelos quais o psiquismo canaliza essas forças para sua descarga estão diretamente relacionadas aos modos de satisfação do indivíduo. Ele tenderá a repetir esses modos facilitados de satisfação ao longo de sua vida, inscrevendo assim um destino de vida baseado em seu corpo. Portanto, da perspectiva freudiana da economia psíquica, o psiquismo deve calcular como melhor carregar e descarregar montantes da excitação causada pelo aumento da tensão resultante de conflitos de forças e esse cálculo é principalmente inconsciente.

A partir de um processo de diferenciação das percepções sensoriais dessas quantidades de força, ocorre a origem do que se chama consciência. A consciência seria neste caso, a diferenciação entre as percepções dos estímulos que excitam o psiquismo e entre suas quantidades, estímulos tanto exógenos (luz, pressão) quanto endógenos (dor de estômago, fome). A consciência poderia

então ser entendida como um método de discriminação que o ser humano utiliza para negociar com a tendência automática de se desfazer de quantidades vividas como desagradáveis, a fim de encontrar maneiras satisfatórias de se livrar dessas quantidades.

Quantidades de energia

Esta seção sintetiza o que foi exposto até agora sobre o fator quantitativo do psiquismo, para que possamos explorá-lo mais a fundo. Segundo Freud, a vida comporta uma certa quantidade de energia e é de interesse do organismo manter essa quantidade constante.

Há uma certa quantidade de energia que é a necessária para manter o funcionamento e a vida. As variações da quantidade de energia não ligada a representações no aparelho psíquico, seriam sentidas como prazer ou desprazer. É importante para os humanos conseguir administrar essas quantidades psiquicamente, que em excesso causam desprazer devido ao aumento da tensão e de excitação no psiquismo.

Para conseguir manter níveis constantes de quantidades de energia no organismo, há uma tendência primária do psiquismo para a eliminação da excitação. Como isso acontece? O psiquismo é um aparato de captura dos excessos de excitação causados por estímulos tanto internos como externos. Sua função é gerenciar a distribuição da quantidade de energia, fazendo o que for possível (dependendo dos recursos psíquicos do indivíduo) para eliminar seus excessos, dominando as excitações, ligando-as psiquicamente a representações e então realizando sua descarga.

O aparelho psíquico portanto, transforma e transmite a energia que recebe. Suas elaborações psíquicas aspiram a dominar a quantidade de energia dos estímulos que chegam até ele e cujo acúmulo corre o risco de se tornar patogênico. Esse domínio ocorreria por meio de sua derivação estendida ao campo representacional, de modo que essa quantidade seja ligada a representações e assim se integre às cadeias associativas, o que resultaria em prazer pela quiescência dessa energia, uma vez ligada.

[...] se trata de duas formas diferentes de carga de energia, devendo diferenciar-se nos sistemas psíquicos entre uma carga livre, que tende a encontrar um exutório, e uma carga de

repouso. [...] a <ligação> da energia que flui para o aparelho anímico consiste numa passagem do estado de fluxo livre para o estado de repouso (Freud, 1919-1919 [1920] , p. 2521). A carga de energia livre pode se transformar em trabalho dependendo de seus destinos e não apenas em satisfação, lembrando que quanto mais primário o modo de satisfação, maior a probabilidade de ocorrer no corpo do próprio indivíduo, em um caminho curto e pouco profícuo. A aplicação dessa energia em trabalho representaria uma ampliação da aplicabilidade dessa energia, uma maior gama de possibilidades para energização (o que aqui chamamos de investimento) em diferentes representações e de consequente descarga, visto que, primariamente, tudo o que o psiquismo deseja é se satisfazer por meio das descargas e terá que fazê-lo com os recursos que tiver.

Proceso primário e processo secundário

Como o psiquismo busca primordialmente apenas satisfazer-se, ele terá que empreender um trabalho se quiser transcender essa tendência urgente primária de satisfação a qualquer custo e então, investir-se em outros destinos mais elaborados com essa energia. Para fazer isso, o psiquismo terá que partir do processo psíquico primário para efetuar o processo psíquico secundário, considerado por Freud como um "trabalho superior" do aparelho anímico, que corresponde à transferência de uma quantidade inconsciente de forças para uma qualidade simbólica mais próxima da consciência. Vejamos como isso ocorre:

[...] todos os impulsos instintivos partem do sistema inconsciente [...] e seguem o processo primário [...] com a carga livremente móvel, e o secundário, com as modificações da carga, fixa ou tônica (...) Corresponderia então às camadas superiores do aparelho psíquico o trabalho de ligar a excitação dos instintos (Freud, 1919-1919 [1920] , p. 2524).

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud explica que os processos primário e secundário são modos de manejo da energia psíquica. Os processos primários são realmente primitivos e referem-se a processos anteriores aos processos avançados de simbolização (como os sonhos, por exemplo) e os processos secundários referem-se àqueles de simbolização que governam a vida normal, desperta e vigilante. Os processos primários ocorrem antes e os processos

secundários ocorrem depois, a partir dos processos primários. No processo primário a energia flui livremente entre as representações que, uma vez energizadas, se deslocam e se condensam entre si, enquanto que no processo secundário a energia se liga a essas representações e permanece nelas.

O processo primário pretende a satisfação imediata (sob o princípio do prazer), enquanto que no processo secundário a satisfação é adiada (atrasada no momento de satisfazer-se) em um desvio para que seja possível gerar uma ação específica na realidade que possa acalmar esse desejo insatisfeito.

[...] *Toda a história da cultura nada mais faz do que mostrar os caminhos que os seres humanos empreenderam para a ligação {Bindung} de seus desejos insatisfeitos, sob as condições mutáveis, e alteradas pelo progresso técnico, de permissão e negação pela realidade* (Freud, 1913/1976, p. 188). O processo secundário ocorre então quando a energia livre do processo primário se investe em representações e fica vinculada apenas a essas representações, permanecendo portanto quiescente e fixa, sem deslocar-se livremente. O processo secundário promove assim, uma quantificação dos processos representacionais no psiquismo, ou seja, um investimento de energia em representações. O processo primário ocorre no inconsciente, enquanto que o processo secundário ocorre no pré-consciente e no consciente. Ambos os processos coexistem no aparelho psíquico.

[...] *no terreno psíquico é possível essa persistência de todos os estágios prévios ao lado da forma definitiva [...] na vida psíquica, a conservação do pretérito é a regra, e não uma curiosa exceção* (Freud, 1920 [1930], p. 3022). Tal declaração possibilita inferir algo que já se sabe a partir da experiência subjetiva de cada pessoa: mesmo no adulto biologicamente desenvolvido há algo nele que parece desconhecer que ele cresceu, e que continua pensando e atuando de maneira infantil: o inconsciente, que permanece infantil por toda a vida.

O inconsciente

Consideremos agora algumas suposições sobre o inconsciente freudiano, para melhor compreender como se inicia o processo secundário de ligação da energia das forças psíquicas que causam tensão no organismo:

O inconsciente é uma parte primária do psiquismo que porta quantidades de forças antagônicas e representações. Mas também é uma forma particular de pensamento, uma forma de pensar diferente da forma consciente. Na forma inconsciente, como já foi dito, há um processo próprio que trabalha as representações, o processo primário. Este trabalho consiste em veicular representações movidas pelos movimentos das quantidades de força que brotam do corpo do indivíduo, deslocando-as e/ou condensando-as pelas vias que formam as cadeias representacionais do psiquismo.

[...] *no inconsciente as cargas podem ser fácil e totalmente transferidas, deslocadas e condensadas* (Freud, 1919-1919 [1920] , p. 2523). É um tipo de atividade do psiquismo onde há equivocidade, ambiguidade, ausência de familiaridade e estranheza. A realidade externa não se aplica ao inconsciente. Ele tem sua própria realidade: a da fantasia. No inconsciente não há temporalidade , nem negação nem contradição. Do ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana, o psiquismo inconsciente faz investimentos, saques e redistribuições de energia em certas representações ou cadeias de representações, de forma a manter uma certa estabilidade (constância) em seu nível de excitação. Tudo isso na verdade, para evitar o desprazer e conseguir prazer, como mencionado anteriormente.

Analisando mais de perto, podemos pensar no inconsciente como uma máquina que não pára de funcionar, transformando pura quantidade de energia em qualidade. Há algo dessa quantidade que está no inconsciente, que nunca termina de estimular o psiquismo, pedindo por descarga.

No entanto, sempre permanece uma quantidade não vinculada a representações que obriga o aparelho anímico a continuar trabalhando, um resto que seguirá repetidamente insistindo por descarga e tentando uma simbolização; isto é, tentando que essa descarga ocorra pela ligação da energia livre e desligada (que restou) ao campo representacional, pelo processo secundário, o qual assenta e fixa a energia pulsional em representações específicas.

A repressão

Freud postula que o inconsciente está repleto de desejos (compostos por intensa carga energética investida em representações) que exigem ser satisfeitos aqui e agora. É importante esclarecer que satisfazê-los significa primariamente, descarregá-los para atenuar a carga desprazerosa que insiste por ser canalizada. De modo que primariamente, durante todo o tempo, se quer satisfazer todos os desejos, alguns tão destrutivos que nem mesmo o indivíduo consegue admiti-los.

Contudo, a civilização não lhe permite realizar esses desejos. O ser humano precisa ser educado para conviver em coletividade e desde o princípio de sua educação (pelos pais, pela família e, posteriormente, pela coletividade) nem todos os desejos terão permissão para ser satisfeitos. O próprio indivíduo não aceitará seus desejos que representem prazeres proibidos (geralmente de qualidade sexual ou agressiva) porque aceitá-los, mesmo que satisfizesse o desejo primário de prazer, causaria simultaneamente um desprazer muito maior em seu psiquismo devido ao conflito com as regras morais e éticas internas. E já é sabido que o psiquismo fará tudo o que puder para evitar o desprazer. Eis aqui um exemplo de conflito psíquico no qual um desejo permanece insatisfeito.

[...] *todo desprazer neurótico é desta natureza: prazer que não pode ser sentido como tal* (Freud, 1920, p. 2509). O que acontece então com esses desejos insatisfeitos, feitos de quantidades de energia e de representações? Muitas são as possibilidades, devido à singularidade de cada indivíduo. De modo geral, se pode dizer que o psiquismo utilizará todos os recursos de que disponha para evitar o desprazer. Ele se aterá neste momento, ao recurso do mecanismo de defesa repressivo como meio de evitar o desprazer, recurso que parece ser o mais necessário e mais comumente utilizado na vida em coletividade.

Diante da eminência de realizar o proibido, o psiquismo produz uma barreira psíquica entre o que o indivíduo pode aceitar e o que não pode, por ser proibido a si mesmo. Freud nomeia isso de barreira da repressão (provavelmente suficientemente espessa na maioria dos adultos civilizados do mundo contemporâneo), que não permite que esses desejos retornem à consciência. A barreira da repressão produz um distanciamento da representação que, embora desejada, isto é, carregada de

forças e de energia, foi inconscientemente considerada proibida pelo indivíduo por ser incompatível com seus ideais e com a civilidade.

Portanto, essa representação deve ser aprisionada em algum lugar do psiquismo (o inconsciente) de onde não deve emergir para que não possa se expressar, pois se expressa, causaria um desprazer que ultrapassaria o prazer primário pretendido. Isso acontece quando há uma incompatibilidade na vida representativa de indivíduo, uma representação aflitiva que causa desprazer porque é proibida.

[...] a essência do processo de repressão não consiste em suprimir e destruir uma ideia que representa o instinto, mas em impedir que ela se torne consciente (Freud, 1915, p. 2061). E como isso acontece mais especificamente a nível de economia psíquica? A repressão desvincula a quantidade de energia da representação. A representação assim é esquecida e a energia agora desvinculada e livremente móvel, volta a movimentar-se à deriva no psiquismo, deslocando-se em sua busca primária pela descarga da excitação.

O que é reprimido é sempre o representante daquilo que causou o desprazer, e não a tensão. O que acontece então com a carga energética da tensão varia: ela pode permanecer desligada e livremente móvel, pode buscar outro representante (podendo neste processo transformar-se num sintoma), pode se dissipar durante o processo ou até mesmo se transformar em angústia.

[...] os destinos que a repressão impõe ao fator quantitativo do impulso instintivo: [...]

- 1) o afeto pode perdurar totalmente ou de forma fragmentada como tal;*
- 2) pode experimentar uma transformação em outro montante de afeto, qualitativamente diferente, especialmente em angústia;*
- 3) ou pode ser suprimido, isto é, ter seu desenvolvimento contido. (Freud, 1915, p. 2068).*

A repressão exige muita energia, energia constante para manter aprisionado aquilo que é reprimido por ser proibido, sem deixá-lo escapar. Aqui novamente se observa um jogo de forças no psiquismo, onde aquilo que está reprimido exerce uma força para emergir (sempre aspirando a alcançar a consciência) e uma resistência mantém uma carga de força contrária que não permite que a barreira que aprisiona as representações proibidas ceda. Há uma interação entre uma força ativa

que se investe em uma direção (rumo à descarga) e uma força reativa que a contraria tentando impedir a descarga, a qual causaria mais desprazer do que prazer na equação do conflito.

Portanto, a repressão requer um gasto constante de energia e a partir disso, pode-se concluir que segundo a teoria freudiana, ela pode resultar em um desperdício por desgaste de energia tanto para o psiquismo quanto para o organismo.

[...] *os mecanismos de repressão possuem, pelo menos, uma característica comum: a subtração da carga energética* (Freud, 1915, p. 2058). Assim, pode-se perceber como o campo das representações reprimidas (que foram obrigadas a converterem-se inconscientes por causarem desprazer à consciência) é o resultado de um mecanismo de defesa do psiquismo que aspira ao prazer, mecanismo este produzido pela vida em coletividade. No entanto, do ponto de vista freudiano da economia psíquica, isso pode não valer a pena, ao menos devido ao consumo constante de energia, mas também porque [...] *uma repressão não consegue evitar o nascimento de sensações de desprazer ou de angústia* (Freud, 1915, p. 2057).

Além das representações reprimidas, o inconsciente também contém outras representações que nunca foram reprimidas e estão lá simplesmente porque não foram investidas de energia (catexizadas) o suficiente para se moverem ou serem lançadas em direção à descarga; por exemplo, representações de recordações sem importância, isto é, sem intensidade psíquica que exija um trabalho de elaboração. As representações reprimidas (porque foram proibidas) também se relacionam entre si por meio de deslocamentos, condensações, transferências e figurações, também elas movidas pela carga de energias que brotam no corpo do indivíduo.

Em relação ao processo repressivo que retira a intensidade da representação do desejo proibido, Freud postula que qualquer desejo intenso, isto é, carregado de energia, que não possa ser expresso ou satisfeito, retornará ao indivíduo de alguma forma, pedindo por realização. Pode retornar na forma de sonhos, chistes, lapsos de linguagem, atos falhos, sintomas, entre outras manifestações inconscientes, o que ele chamou de "o retorno do reprimido". Como vimos, alguns fenômenos psíquicos inconscientes.

[...] *resultam da interferência de duas intenções diferentes, uma das quais pode ser descrita como perturbada e a outra como perturbadora* (Freud, 1915-1917 [1916-1917], p. 2155). O sintoma

por exemplo, é um fenômeno psíquico que, tendo ocorrido por não ter sido possível satisfazer um desejo proibido (cuja carga de desejo se deslocou e se descarregou de outra forma), é indício e substituto de uma satisfação que não ocorreu, como consequência do processo de repressão. Aqui novamente encontramos um jogo de forças antagônicas no psiquismo.

Considerações Finais

Neste artigo, a orientação foi a de abordar alguns dos pressupostos que respondem às seguintes perguntas: Quem é o ser humano que Freud considera em sua obra? Qual é o seu funcionamento psíquico básico de acordo à sua teoria? Eis o que conseguimos confirmar de acordo com nossa pesquisa:

O ser humano freudiano é essencialmente marcado por uma cisão constitutiva em seu ímpeto vital e pela impossibilidade de dominar plenamente sua própria vida psíquica. É ao mesmo tempo desejante, dividido, confrontado com proibições e movido por forças antagônicas, podendo ou não investi-las no mundo representacional, em processos de alocação de energia de origem somática em idéias, pessoas e objetos.

O acúmulo desta energia causa tensão e pode ser patogênico e é função do psiquismo buscar continuamente alívio deste desprazer através de descargas que, dependendo dos recursos anímicos deste indivíduo ocorrerão das mais variadas formas, resultando em toda a atividade humana.

Finalmente, embora este estudo faça parte de um todo muito maior, acredita-se que suas considerações teóricas possam ser úteis a outros profissionais de saúde se aplicadas às suas práticas clínicas. Além disso, espera-se que possa contribuir para a atualidade, na qual há uma divisão entre a medicina, que se concentra no campo biológico, e a psicologia, que se concentra no campo representacional. Este estudo buscou conectar essas duas dimensões através do ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana.



Referências

- Freud, S. (1898-9 [1900]). *La Interpretación de los Sueños*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1913/1976). El Interés por el Psicoanálisis. In: J. Strachey (Ed.), *Sigmund Freud Obras Completas* (Vol. XIII, pp.169 - 192), Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1915a). *Lo Inconsciente, Emociones Inconscientes*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1915b). *La Represión*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1915c-1917 [1916-1917]). *Lecciones Introductorias al Psicoanálisis*. Lección IV. *Los Actos Fallos*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1916-7 [1917]). *Lecciones Introductorias al Psicoanálisis. Teoría General de las Neurosis. Lección XVIII. La Fijación al Trauma. Lo Inconsciente*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1919a-1919 [1920]). *Más Allá del Principio del Placer*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1929 [1930]). *El Malestar en la Cultura*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1937). *Análisis Terminable e Interminable*. Editorial Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1938a [1940]). *Algunas Lecciones Elementales de Psicoanálisis*. Editorial Biblioteca Nueva.